



GT 14. Antropologia dos Povos Tradicionais Costeiros: Práticas Sociais, Territórios e Conflitos

Coordenador(es):

José Colaço Dias Neto (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Francisca de Souza Miller (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Sessão 1 - Gênero, Comunidades e Conflitos

Debatedor/a: Luceni Hellebrandt (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Sessão 2 - Conflitos, Processos e Resistências

Debatedor/a: Edna Ferreira Alencar (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Grupos sociais que vivem do extrativismo e da agricultura, entre outras activities – tais como pescadores artesanais e ribeirinhos em geral – foram ou são habitantes de regiões costeiras e historicamente têm sido impactados por diversos fenômenos. A expansão metropolitana, os desastres ambientais de grandes proporções, o turismo em pequena e larga escala, as formas de controle oficial em áreas de interesse ecológico, são alguns processos que vem reconfigurando o uso e a ocupação de territórios costeiros e ribeirinhos no Brasil. Este Grupo de Trabalho pretende reunir pesquisas empíricas em andamento e tem como um de seus objetivos o cruzamento de diversos olhares sobre estes fenômenos, em especial àqueles de caráter etnográfico, que evidenciem conflitos e tensões entre as populações “tradicionais” e os vários modelos de uso e ocupação destes territórios costeiros e ribeirinhos. Reflexões sobre o manejo de ecossistemas, as formas de organização política destas populações, suas estruturas econômicas, bem como os conflitos suscitados por diferentes processos e agentes sociais – sobretudo agências estatais, organizações não governamentais e empresas – são alguns dos aspectos que serão discutidos nesta activity.

Da invisibilidade para um lugar de destaque: ensaio sobre o ?boom turístico? na Ilha do Combu e seus desdobramentos

Autoria: Thainá Guedelha Nunes (UFPA - Universidade Federal do Pará), Lourdes Gonçalves Furtado

Este work versa sobre o fenômeno do turismo que, por volta de 2016 e 2017, começou a crescer exponencialmente, ganhando força rapidamente, na Ilha do Combu, uma das 39 ilhas da cidade de Belém no Pará. Nesse sentido, a mesma passou do anonimato, da invisibilidade, para um importante ponto turístico da cidade, com sua beleza natural formada pelas suas matas, rios e também pelos seus bares e restaurantes que se localizam na beira do rio e pela típica culinária belenense que oferecem. Tal crescimento vem acompanhado de uma variedade de mudanças nas comunidades receptoras, o que é o alvo de investigação e reflexão neste work, sob as bases da etnografia, com observação participante, entrevistas e registros fotográficos. Os dados apresentados são oriundos de minha pesquisa de doutorado que está em andamento e, devido a isto, o work tem o caráter ensaístico cujo os resultados preliminares demonstram um grande crescimento de construção de estabelecimentos voltados para o turismo, o possível início de uma competição interna entre esses estabelecimentos, ?gourmetização? do local, maior renda para muitos ribeirinhos, maior valorização do local, especulação imobiliária, entre outras. Vale ressaltar que o local é uma Área de Proteção Ambiental que até hoje não possui plano de manejo, assim como possui um Conselho Gestor com débil atuação.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: